



12 de Fevereiro de 2015

EM DIA

INFLAÇÃO CORRETIVA E COM NOTAS DE IRONIA



PEDRO CEZAR DUTRA FONSECA
Professor titular do Departamento de Economia e Relações
Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br

A política recessiva, da forma proposta pelo Ministério da Fazenda, depende de equação que impõe várias restrições econômicas e políticas, as quais, na prática, muitas vezes dificultam seu êxito. Muito sucintamente, sua contradição é que, embora a prioridade seja o combate à inflação, essa, ao contrário, em um primeiro momento, sobe. Daí resulta um período, às vezes longo, de inflação alta e crescimento baixo. A reação dos agentes econômicos e de segmentos sociais testa, então, a capacidade de resistência da equipe econômica, colocando em xeque sua credibilidade.

O conflito pode ser resumido como uma questão de temporalidade: as políticas monetárias e fiscais, como elevação de taxa de juro, aumento de impostos e corte de gastos, demoram certo tempo para se manifestar no índice de inflação. Por outro lado, o entendimento ministerial de que os preços administrados pelo governo (como gasolina e eletricida-

de) devem ser liberalizados para atingirem seu equilíbrio de mercado causa elevação imediata da referida taxa, bem como o aumento de impostos e cortes dos subsídios ao setor privado. Esse fenômeno, às vezes chamado de inflação corretiva – pois supõe elevá-la no curto prazo com vistas a uma estabilização posterior – é sempre permeado de incertezas em sua execução. As experiências históricas ilustram casos com resultados positivos, mas todos eles alicerçados por sólida força política e/ou social.

Caberá ao ortodoxo Joaquim Levy a façanha de ultrapassar o teto e amargar suas consequências

A ironia é que o ex-ministro Mantega afirmara que em sua gestão o teto da meta de inflação não seria superado, e assim ocorreu. Ao manter tal política, caberá ao ortodoxo Joaquim Levy a façanha de ultrapassar o teto e amargar suas consequências.